

“SOMOS TODOS GREGOS”: A INFLUÊNCIA DA GRÉCIA DE PERCY B. SHELLEY

“WE ARE ALL GREEKS”: THE INFLUENCE OF PERCY B. SHELLEY'S GREECE

Gilberto da Silva FRANCISCO*

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a influência do discurso do prefácio ao poema *Hellas* do poeta inglês Percy B. Shelley, onde se localiza a famosa expressão “somos todos gregos”, desde a sua formulação em um contexto de avaliação bastante positiva da experiência grega antiga, no seio da atuação romântica e filelênica de artistas e intelectuais ingleses na primeira metade do século XIX, até a sua ampla projeção e o surgimento de críticas à conexão linear entre uma Grécia ideal e a contemporaneidade.

Palavras-chave: Grécia – História do Ocidente – Shelley – Recepção da Antiguidade Clássica.

Abstract: This paper intends to discuss the influence of the preface to the poem *Hellas* of the British poet Percy B. Shelley in which there is the famous expression “we are all Greeks”, since its own wording in a context of positive appraisal of the ancient Greek experience inside the romantic and philhellenic activities of English artists and intellectuals of the nineteenth century’s first half, until its broad diffusion and the rising of criticism to a linear connection between an ideal Greece and Contemporaneity.

Keywords: Greece – History of Occident – Shelley – Classical Reception.

A Grecia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grecia do que de qualquer outro país (LOBATO, 1949, p. 15).

A Grécia foi “redescoberta” no século XVIII pelos europeus.¹ O cenário que, até então, baseava formulações sobre a antiguidade era a Itália onde, por exemplo, desde o século XIV, materializavam-se novos edifícios claramente conectados à leitura de Vitruvius e a observação das ruínas relacionadas a uma experiência clássica romana. Foi apenas no século XVIII que a Grécia reapareceu de forma mais consistente em um movimento caracterizado como “reavivamento grego” (*Greek revival*). Assim, o referencial mais importante para o conhecimento do “mundo clássico”, a Itália, continuava oferecendo novidades (o *grand tour* das elites européias ainda a tinha como ponto focal, o que só era aguçado por novidades como as recentes escavações de

* Doutor em Arqueologia – Pós-Doutorando no Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo – MAE/USP, CEP: 05508-070, São Paulo, SP – Brasil. Bolsista FAPESP. Membro do LEIR-MA/USP (Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo) e do LECA/UFPel (Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga – Universidade Federal de Pelotas). E-mail: gisifran@gmail.com

Pompeia e Herculano), em paralelo com as informações que começavam a aparecer relacionadas às expedições que a Sociedade dos *Dilettanti* empreendia na Grécia. Tais novidades não foram limitadas ao campo de uma discussão literária e acadêmica, e as expedições dos ingleses Nichollas Revett e James Stuart indicam isso: além da publicação dos volumes de *Antiquities of Athens measured and delineated* (1762-1794), James Stuart, que era arquiteto, aplicou o que aprendera na Grécia em seus projetos, criando um “estilo inglês” muito fortemente ligado à arquitetura grega, o que pode ser observado no Hagley Park, em Worcestershire, no qual ele inseriu uma imitação do *Hephaisteion* da Ágora de Atenas; um exemplar do que seria chamado de neoclássico; uma proposta arquitetônica baseada na razão e na ordem.

No mesmo século XVIII, foi publicada a obra *Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerei und Bildhauerkunst* (1756), de Johann Joachim Winckelmann, primeira história moderna da arte antiga, focada na escultura e na “grande pintura”; e foram redescobertos os vasos gregos e de tradição grega, os quais se tornaram rapidamente objeto de interesse, o que é revelado pela constituição de inúmeras coleções, como a do Sir William Hamilton, embaixador britânico na Itália, e as réplicas em jasper produzidas por Josiah Wedgwood. E, ainda, que se estabelecia a polêmica da hierarquização entre gregos e romanos, buscando compreender se os romanos teriam sido apenas aprendizes dos gregos ou, eles próprios, mais criativos. Ou seja, o tema da Grécia, como elemento central no debate sobre uma referência civilizacional importante já se desenvolvia amplamente na Europa do século XVIII, o que foi consistentemente projetado para o século XIX. É nesse contexto que se pode pensar a atuação da chamada “segunda geração do romantismo” na Inglaterra, cujos nomes mais lembrados são os de Byron, Keats e Shelley,² em um ambiente de certo interesse pela Grécia, e pelo “mundo clássico”, já desenvolvido. Apesar disso, parece que a construção de uma linha direta que conectasse essas duas experiências, tendo como base a ideia de herança cultural, foi mais fortemente desenvolvida no século XIX (CULLER, 1985, p. 19).

Traduções como as das tragédias gregas, dos poemas homéricos e os temas que elas revelavam, principalmente míticos, eram motivo de amplo interesse entre artistas e intelectuais europeus como (no campo da literatura, das artes plásticas, sobretudo a pintura, e da música) Lord Tennyson, Keats, Lord Byron, Lord Leighton, Alma-Tadema, Gluck, Strauss, Offenbach e, claramente, Percy B. Shelley e sua esposa, Mary B. Shelley. Havia uma grande quantidade de citações a temas gregos antigos (BURN,

1990, p. 76-7); e, nesse contexto, em 1818 Shelley traduziu o “Simpósio” de Platão para o inglês (GAGARIN, 2010, p. 283) e se pensa, constantemente, certa influência de P. B. Shelley sobre a mais conhecida obra de sua esposa, “Frankenstein”, com os subtítulo “o Prometeu moderno” (*Frankenstein: or the Modern Prometheus*, 1818), sendo o próprio Prometeu, tema de um drama de P. B. Shelley (*Prometheus Unbound*, 1820).³

É importante notar que, no seio desse debate romântico sobre a Grécia, caracterizado fortemente pelo filelenismo, o envolvimento efetivo com questões da Grécia daquele momento era importante. Lord Byron, por exemplo, morreu em Missolonghi (Grécia) lutando pela liberdade daquele país na chamada “guerra de independência grega” em 1824.⁴ Nesse contexto é que parte da obra de Shelley pode ser situada, especialmente o poema *Hellas*⁵, em cujo prefácio aparece a expressão que se tornaria bastante famosa: “somos todos gregos”; não apenas delineando o conflito greco-turco, mas se posicionando diante dele e apresentando uma agenda para a sua resolução. Trata-se, nesse sentido, de um texto político, especificidade importante de se pensar no drama que Shelley produziu anteriormente (*Prometheus...*), cujo prefácio é essencialmente ligado a questões literárias.

O poema *Hellas* foi escrito em Pisa, em 1821,⁶ e publicado em Londres em 1822.⁷ Chamado “drama” com certa dúvida pelo próprio autor (ver anexo, na sequência do texto, linhas 8-13), o poema *Hellas* trata de um contexto específico. Apesar de, já no frontispício, haver uma citação ao *Édipo em Colono* de Sófocles e, no prefácio, Shelley admitir a inspiração temática a partir d’*Os persas* de Ésquilo (ver anexo, l. 14-6), o tema é relacionado à Grécia daquele momento: trata-se da “guerra de independência grega” (ver nota 4) que, no poema, é apresentada a partir da perspectiva do sultão otomano Mahmud, responsável pelos ataques à Grécia, lidando com sonhos de derrota que o atemorizavam. Com isso, tendo como fonte de inspiração formas poéticas da Grécia antiga, Shelley criou uma narrativa sobre um conflito de sua época. Cabe dizer que a vitória da Grécia, caracterizada como um retorno dos “anos dourados” no drama⁸ e profetizada pela constante esperança apresentada pelo coro de cativas gregas, é tratada abertamente no prefácio ao poema; onde, já no início, Shelley indica que escreveu sugestionado pelos acontecimentos daquele período e por sua “intensa simpatia” pela causa grega (ver anexo, l. 1-6). Depois de esclarecer algo sobre a inspiração em Ésquilo e a forma aproximada escolhida, o gênero do drama, o tom é claramente engajado e parcial.

Nessa parte do texto é que a famosa fórmula aparece: “Somos todos gregos. Nossas leis, nossa literatura, nossa religião e nossa arte têm suas raízes na Grécia” (ver anexo, l. 59-61). A articulação entre a avaliação negativa da atuação passiva dos governantes de sua época e a caracterização de uma origem comum e positiva na Grécia é um elemento que aparece como estrutura desse prefácio. Na sequência, o autor parte para um elogio à Grécia antiga relacionado a uma conexão entre os gregos de sua época e os antigos a partir da ideia de descendência (ver anexo, l. 78 sqq); o que, além de conferir certa linearidade à história da Grécia, produz dois tipos de herdeiros diferentes: os “ocidentais”, que teriam tido elementos essenciais de sua “civilização” formados na Grécia antiga, e os gregos modernos, apresentados como descendentes diretos dos antigos; ambos em diálogo.

No outro extremo está o inimigo, que, conseqüentemente, não é apenas inimigo dos gregos modernos, mas também dos ocidentais – trata-se do imperador otomano, apresentado como tirano. E, relacionada a ele, a Rússia (ver anexo, l. 107-21). Nesse sentido, desenhado o quadro do conflito das partes envolvidas e daquela que deveria ser apoiada, Shelley sugere a intervenção da Inglaterra contra a Turquia e a Rússia, ampliando tal apelo aos países “civilizados” europeus, tais como a Espanha, França, Itália e Alemanha caracterizando o perigo do avanço turco sobre a Grécia como um perigo para toda a Europa. Ou seja, defender a Grécia era, nessa perspectiva, defender o Ocidente; o que estabelecia, praticamente, um embate entre Ocidente e Oriente, ao qual o autor vai especificar com mais detalhes (ver anexo, l. 133 sqq).

* * *

A noção de herança cultural presente no texto de Shelley tornou-se, já no século XIX, bastante influente, seja em discursos que a recuperavam ratificando-a em formulações que a completavam tentando incluir outros setores de origem nessa referência, ou em duras críticas a ela. Isto é, a síntese que a fórmula de Shelley apresentava (uma redução discursiva que evocava a constante referência positiva à Grécia antiga, endossando certo sentido de pertencimento a ela em apenas uma sentença que poderia ser mais ou menos ampliada)⁹ passou a ser colocada no centro do debate para reafirmar essa noção de origem e de pertencimento, ou a refutar.¹⁰

Já no final do século XIX, o cenário de propostas quanto a essa avaliação da referência grega como base era reavaliado. Nesse contexto, a fórmula de Shelley voltou,

várias vezes, a ser utilizada como síntese que remetia a tal discussão. Por exemplo: em um comentário sobre um poema do poeta e dramaturgo inglês Robert Browning no periódico inglês *The St. James's Magazine and United Empire Review* (1872), o autor declara: “não somos todos gregos”;¹¹ em provável recuperação, nesse caso, pela negativa, da fórmula de Shelley, mas sem o citar.¹² Logo depois, James Wells, citando Shelley, apresenta uma visão menos positiva da referência grega original¹³ e, em uma resenha do livro *Anthropology and the Classics* (EVANS *et al.*, 1908), publicada no *The Sociological Review* em 1909, assume-se um tom bastante crítico à expressão de Shelley e ao ambiente ao qual ela teria nascido e vinha se desenvolvendo.¹⁴ Entretanto, nesse mesmo contexto, as opiniões se dividiam e o alinhamento à proposta da Grécia como uma positiva base cultural, sintetizada na fórmula de Shelley, também poderia ser observada.¹⁵

O cenário, como descrito até aqui, apresenta a proposta de Shelley, sua projeção em discursos variados recuperando-se, sobretudo, o caráter de reconhecimento de uma origem comum na Grécia antiga, positivamente avaliada; mas também algumas críticas caracterizadas pela oposição a esse esquema de pertencimento a uma origem grega comum, seja pela compreensão da alteridade (a impossibilidade de se criar uma linha que conectasse diretamente os gregos do passado e os europeus, sobretudo os ingleses, do século XIX), e mesmo uma avaliação não necessariamente positiva da experiência grega antiga. Entretanto, a situação é mais complexa. Havia, ainda, outras formas de mobilização da fórmula de Shelley que transitavam entre a crítica e sua justificação – trata-se da tentativa de incluir nesse repertório relacionado a uma base original outras entidades político-culturais. Ou seja, apesar das críticas, a Grécia, que era observada como a origem da história do Ocidente e a base do “mundo clássico”, também era vista de forma relativamente insuficiente para alguns autores quando se pensava na situação de origem e projeção de determinados conteúdos culturais. Assim, outra entidade político-cultural que começa a ser incluída no discurso com bastante ênfase é Roma.¹⁶

Importante notar, é que essa Grécia idealizada, com base romântica, por Shelley e muitos dos seus contemporâneos, tem contornos definidos a partir de certa equivalência com o que é chamado de “mundo clássico”. Nesse sentido, não se pode pensar a Grécia isoladamente. Roma também é parte dela, mesmo que menos expressiva; e isso é bastante claro em Shelley. O menor destaque dado a Roma no discurso sobre as origens não era exclusividade de Shelley. Roma não desapareceu completamente do cenário de referências, mas houve um interesse mais concentrado

sobre a experiência grega. Roma era vista mais como um “braço armado da cultura grega [...], a força militar e o poder, em oposição à Grécia, que era o espírito da criatividade”.¹⁷ Por exemplo, para o poeta Edgar Allan Poe, os termos de comparação entre Grécia e Roma era a caracterização da “glória”, para a primeira, e da “grandeza”, para a última.¹⁸ Parece que algum tipo de hierarquização teve certa influência posterior. O filósofo José Ortega y Gasset, admirador de Shelley, se manifestava claramente a favor de um excepcionalismo grego;¹⁹ também operava num quadro de hierarquização entre Grécia e Roma, sendo esta última compreendida no âmbito de uma grande dependência da primeira. (SÁENZ, *Op. cit.*).²⁰

Logo depois da famosa passagem “somos todos gregos”, no prefácio ao poema *Hellas*, Shelley retoma em perspectiva comparativa a origem grega em paralelo com Roma, uma referência positiva em contraposição à China e ao Japão, ambos negativamente avaliados (ver anexo, l. 61-8). Essa conexão entre Grécia e Roma foi retomada várias vezes na obra de Shelley, entretanto, a maior parte dos autores, interessados no seu filelenismo, não exploraram consistentemente tal articulação.²¹

Além de Roma, outras entidades político-culturais foram incluídas. Por exemplo, a Palestina e os hebreus/judeus, os cristãos, entre outros. Nesse sentido, a ideia de “raízes” do Ocidente é colocada em discussão. Em primeiro lugar é interessante notar que, além da “base/raiz”, a ideia de “difusão” também era valorizada; e, com isso, não apenas a Grécia interessava, mas também outras entidades político-culturais responsáveis pelo desenvolvimento e pela projeção do que os gregos teriam criado. O primeiro passo, mais firme, foi a inclusão dos romanos nesse repertório. O seguinte foi a discussão da própria base (os hebreus/judeus teriam sido responsáveis pela articulação de uma estrutura religiosa que permaneceu até a contemporaneidade) e a difusão desses conteúdos clássicos (greco-romanos) e hebraicos pelo cristianismo.²² Na esteira da proposta de Shelley, assim, poder-se-ia dizer que “somos todos gregos”, mas também que “somos todos romanos”, “somos todos hebreus”, “somos todos cristãos”... E praticamente todas essas propostas já estavam disponíveis na transição do século XIX para o XX;²³ e, vale dizer, não apenas em língua inglesa.²⁴

O sentido de articulação do Ocidente, tendo a experiência grega antiga como base, que se desenvolvia na Europa em meio aos debates apresentados, também alcançou a América, muito consistentemente ligado à necessidade de se consolidar laços com o “mundo civilizado”, a Europa; e, nesse sentido, alguns exemplos são claros. Ícones da literatura da América Latina recorreram à fórmula de Shelley direta ou

indiretamente. Por exemplo, Machado de Assis, conhecedor da obra de Shelley,²⁵ com o pseudônimo Lélío, parece também ter mobilizado essa expressão indiretamente: “já que não somos gregos no espírito, sejamos ao menos no vestuário. É sempre uma compensação; e quem sabe se o vestuário não arrastará depois o espírito” (ASSIS, 1969, p. 234). Recuperando o sentido de articulação da expressão de Shelley e integrando a América nesse ambiente agregador, o escritor argentino Jorge Luis Borges declara “Somos todos gregos no exílio”.²⁶

Mas, para uma melhor avaliação da fórmula de Shelley, ela precisa ser contextualizada; e, como visto, ela estava consistentemente situada no seio de um debate filenênico. Isso significa dizer que não era apenas a Grécia do passado que interessava, mesmo que ela oferecesse um exemplo positivo na avaliação de Shelley, de seus contemporâneos e de muitos depois deles; mas, sobretudo, mobilizar esse elemento agregador no âmbito de uma “comunidade ocidental” para uma ação política específica – tratava-se da constituição de um discurso engajado pela causa grega na guerra contra os turcos que dominavam seu país no início do século XIX. Assim, uma conexão com o passado de forma instrumental nem sempre é perceptível nos discursos que recuperam o sentido presente na fórmula de Shelley quando observada isoladamente.

Um claro exemplo disso é a forma como o escritor Monteiro Lobato caracteriza a Grécia. Como visto (na epígrafe), o sentido articulador tendo como base uma referência histórica fixada na Grécia Antiga é claramente observado. No discurso de Lobato, a intensa herança grega está apresentada. Entretanto, entre a Grécia do passado e a Grécia de sua época havia, na avaliação desse autor, uma grande diferença. Na obra *O Minotauro* de 1949, em uma aventura objetivando resgatar a Tia Anastácia dos domínios desse monstro grego, a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo chega à Grécia e tem que escolher qual seria a Grécia a visitar:

Tudo acertado, dona Benta partiu com os meninos para a Grecia a bordo d’‘O Beija-Flor das Ondas.’ Mas, para que Grecia? Ha duas – a Grecia de hoje, um país muito sem graça, e a Grecia antiga, tambem chamada de Hélade, que é a Grecia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e herois, de faunos e satiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grecia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos – e soldados de saiote (LOBATO, 1949, p. 10).

A clara desconexão criada pelo autor indica uma seletiva ação do interesse: na sua avaliação, a Grécia de sua época não apresentava elementos positivos para operar no

plano articulador que a Grécia antiga potencialmente possuía.²⁷ O filelismo, entendido como certo interesse que inclui também a situação da Grécia atual, não é recuperado. Mas, é possível observar que esse sentido filelênico não se perdeu completamente, apesar da ampla descontextualização do discurso de Shelley e da seleção orientada por um interesse quase exclusivo pela Grécia antiga.²⁸ Por exemplo, o helenista espanhol, Francisco Adrados, em um texto abertamente favorável à causa da devolução dos mármores do Pártenon à Grécia, chega a justificar a sua afinidade a essa causa, já que “somos todos gregos” (ADRADOS, 2003, p.212)²⁹ Há, nesse sentido, a recuperação relativamente contextualizada do sentido da formulação de Shelley – a articulação a partir de um elemento cultural comum (a herança grega do Ocidente) mobilizada em um debate sobre a situação da Grécia atual; no caso, a questão ética que envolve a situação dos mármores do Pártenon, atualmente, em grande parte, no Museu Britânico.

Adrados, recuperando a fórmula de Shelley, adapta a sua utilização a um novo cenário de tensão situado no âmbito da revisão da atuação de potências políticas do século XIX, marcadamente imperialista, que proporcionou o deslocamento de objetos, atualmente caracterizados como patrimônio da humanidade, do solo grego para a Inglaterra; o que insere tal debate, no caso de Adrados e Shelley, no campo das relações internacionais (ver anexo, l. 106 sqq). Entretanto, a solução apresentada por Adrados é uma exceção e, como visto, praticamente todas as formas de recuperação da fórmula de Shelley não estiveram preocupadas com a sua ratificação ou crítica tendo como base sua formulação precisa – o reconhecimento de um forte sentido articulador tendo a Grécia, ou o “mundo clássico”, como referência, mobilizando tal elemento no contexto de uma tensão política específica. Dar realce à Grécia como elemento basilar fazia sentido na proposta de Shelley, não apenas como recorte de uma entidade político-cultural no passado, que oferecesse base adequada para um debate sobre origens e herança cultural, mas também para se posicionar quanto ao conflito greco-turco daquele momento. Assim, a reflexão de Shelley não pode ser analisada unicamente no âmbito do debate da herança cultural.

Dessa forma, expandir tal fórmula, ratificando-a ou a criticando, deveria recuperar esse sentido mais preciso no qual a expressão “somos todos gregos” aparece. Entretanto, desde o século XIX, o realce foi dado à fórmula isolada ou articulada de um texto do próprio prefácio do poema *Hellas* que engrossa o sentido de herança cultural fixada na Grécia antiga (ver nota 9). De fato, não se trata dizer que o debate foi feito de

forma equivocada, mas de indicar que a responsabilidade de Shelley na dimensão que ele tomou é relativamente pequena, já que o filelenismo, elemento central do poema *Hellas*, e claramente apresentado no seu prefácio, praticamente desapareceu do debate ao longo do século XIX e até recentemente. Resta, assim, uma evocação amplamente descontextualizada que repousa em certa autoridade que o poeta Shelley ainda possui, ou mesmo na autoridade que a fórmula foi adquirindo independentemente de seu autor e de sua obra. É, nesse sentido, que se deve pensar a inserção dessa fórmula e sua influência como foi construída e projetada.

Shelley não inventou o filelenismo, a hierarquização entre Grécia e Roma e nem mesmo a noção de integração do Ocidente a partir de um referencial original situado na experiência grega antiga. Todos esses elementos eram correntes em sua época e disseminados nas atividades de vários intelectuais e artistas. A importância de Shelley, considerando a influência desses elementos ao longo do tempo, é que ele forneceu um tipo de síntese que condensa esse esquema de conexão entre gregos e nós e que é ativado de forma rápida quando se evoca a expressão “somos todos gregos”. Participar dessa discussão, seja qual for a perspectiva, significa evocar Shelley.

As críticas à fórmula de Shelley, como visto, já eram vigentes desde o século XIX e permanecem fortes, mas os ambientes que a proporcionaram foram bem variados. Por exemplo, no seio do desenvolvimento de nacionalismos na Europa e na América, o destaque a elementos internos poderia rivalizar com a caracterização de uma herança comum, ocidental, precisamente identificada em uma origem grega. No Brasil, por exemplo, no seio da ação modernista do início do século XX, a valorização da mestiçagem e de sua relação com uma estética barroca proporcionou, em vários casos, um desconforto com a “herança clássica” que foi, constantemente, avaliada de forma negativa.³⁰ Mas, as críticas mais consistentes a essa referência original fixada na Grécia, e sintetizada na expressão de Shelley, aconteceram na segunda metade do século XX e ligadas a uma perspectiva não nacionalista, mas revisionista, no seio de uma “viragem cultural”.³¹

Nesse cenário, mais do que uma ideia de articulação grupal (nacional ou ocidental), o qualificativo “clássico” e relacionados (“grego”, “romano”, etc.) passam a ser situados no âmbito de cisões bem marcadas. O universal dá espaço a identidades variadas e muitas delas em movimentos claros de redefinições. A referência clássica, assim, passa a ser vista, em vários casos, também como um elemento de caracterização de grupos dominantes observados a partir de uma perspectiva crítica dos dominados no

centro de tensões de cunho racial e étnico, o que pode ser observado a partir de alguns relatos:

Então, na realidade, até um determinado momento, nós negros, eu, no caso, não éramos negros, era somente negro na cor, veja bem, porque a formação que eu obtive desde pequeno foi a formação greco-romana. Nós somos gregos do dedo do pé ao último fio de cabelo. Então, o que é que acontece? A minha formação até em determinado momento foi uma formação branca. (PINHO, 2004, p. 141).³²

A linha da filosofia alemã é ‘nós não temos nada a ver com o povo judeu. Nós somos gregos’. Então você tenta botar como raiz do Ocidente o grego. É deslocar o judeu. Isto é claro. Vai ver isto em Hegel, Nietzsche, todos preocupados em demonstrar que o alemão é grego. Em pesquisa lingüística, em todos os campos os alemães aplicaram a inteligência em demonstrar a sua ascendência grega. (KUPERMAN, 1992, p. 203).³³

A tensão dominante/dominado apresentada na visão desses dois membros de minorias que refletem a ação de seu grupo e daqueles que exerceram domínio sobre eles é específica. Tem-se, no primeiro caso, uma caracterização entre dois pólos racialmente dispostos (negro x branco); enquanto, no segundo relato, a distinção é essencialmente étnica (judeu x alemão). Entretanto, ambos articulam a estratégia de dominação a um aspecto cultural similar – uma base clássica, apresentada como grega. Nesse sentido, negro ou judeu são aspectos aparentemente alheios a essa base cultural, cuja integração à formação cultural clássica deveria ser feita, o que se tornava uma ação ligada à estratégia de dominação. Os dominadores brancos e alemães são intimamente ligados aos gregos e os dominados negros e judeus não. Vê-se, assim, a ideia de universalidade da Grécia, ou do mundo clássico, como origem colocada em questão.

Esse desconforto com uma ligação direta entre nós e os gregos vem sendo discutida em vários contextos. A jornalista do periódico inglês *The Guardian*, Charlotte Higgins, em uma obra de divulgação intitulada *It's all Greek to me: from Homer to the Hippocratic oath, how ancient Greece has shaped our world*, dialoga diretamente com a fórmula de Shelley “somos todos gregos”, dizendo: “eu espero que não” (HIGGINS, 2010, p. 2)³⁴. O que já vinha sendo discutido em âmbito acadêmico. Nesse sentido, a colocação do influente classicista de Cambridge, Paul Cartledge, em uma publicação generalista sobre a Grécia em 1993 (*The Greeks: A portrait of self and others*), é enfática: “de fato, não somos todos gregos” (CARTLEDGE, 1993, p. 182)³⁵. E a data de sua publicação parece ser bastante importante.

Esse tema voltou a ser consistentemente discutido no âmbito das comemorações dos 2.500 anos da democracia; que, se compreendida com essa idade, é pensada como algo que começou com as reformas de Clístenes em Atenas em 508/7 a.C. e transposta de forma quase linear à contemporaneidade. Houve, nesse contexto, uma exposição de esculturas gregas organizada pela *National Gallery of Art*, em Washington, que se estendia entre 1992 e 1993, inserida no espírito dessa comemoração, e que recuperava, no texto de sua divulgação, a fórmula de Shelley com entusiasmo.³⁶ Entretanto, enquanto se estabeleciam tais comemorações, algumas discussões críticas paralelas também apareciam. Por exemplo, uma publicação de Kurt Raaflaub e David Castriota, de 1998 (*Democracy 2500?: questions and challenges*) buscava refletir mais criticamente essa questão:

O que é importante sobre a democracia ateniense não é tanto suas similaridades conosco, mas a sua alteridade. Não somos ‘todos gregos agora’. Nem eles nos são. A experiência ateniense mostra que é possível construir formas de igualdade social que são radicalmente diferentes daquelas que nosso vocabulário político contemporâneo nos encoraja a pensar. (MORRIS; RAAFLAUB; CASTRIOTA, 1998, p. 9).³⁷

A proposta de pensar a questão, não como uma conexão integral, mas como nuances e com pontos de origem e de chegada díspares, é ratificada quando os autores propõem um diálogo com a exposição citada (ver nota 36), desta vez, revelada na divulgação em 1992 na revista *Economist* (RAAFLAUB; CASTRIOTA, 1998, p. 1 e 83). Essa situação evidencia um debate em curso sobre esse sentido de pertencimento a uma herança grega comum; e, considerando esse cenário, é possível observar a influência da fórmula de Shelley a partir de duas linhas. A primeira é a sua atual influência e a segunda é a responsabilidade de Shelley quanto a essa formulação.

Mais recentemente, ainda nesse debate, Ella Shohat e Robert Stam (2006, p. 91-4), ao comentarem as implicações das seleções que baseiam um “modelo antigo” de caracterização do “mundo clássico” (aquele que considera as “contribuições” do Oriente e da África na constituição do Mundo Grego) e o “modelo ariano” (aquele que desconsidera tais contribuições, ou as apresenta como pouco significativas, ressaltando aspectos de “pureza”), por Martin Bernal, chamam atenção à atualidade da influência da proposta de Shelley, a partir da clara adesão feita no anúncio da referida exposição: a expressão de Shelley é retomada e ratificada; e se estabelece, assim, um diálogo

estruturado em dois pólos quase opostos que indicam a atual influência do discurso de Shelley.³⁸

É bem claro que o ambiente favorável que baseava a difusão e a avaliação positiva da expressão “somos todos gregos” da Inglaterra no século XIX desapareceu e é possível localizar pontos precisos de crítica que se tornam cada vez mais presentes. Assim, na análise de Shohat e Stam, esse desconforto com uma natural filiação à experiência grega antiga é claramente manifestado. Mas, diferente disso, a apresentação da exposição acima citada, com a qual esses autores estabelecem um diálogo direto, mostra outro tipo de apropriação da expressão de Shelley – a aceitação. Shohat e Stam indicam que a construção desse discurso está ligada a uma avaliação positiva calcada em uma seleção ideologicamente orientada.³⁹ Entretanto, não se trata, aqui, de distinguir o argumento “certo” do “errado”. Evidentemente, o discurso multiculturalista tem mais aceitação no meio acadêmico atualmente; mas a situação parece ser mais complexa que isso; já que esse debate mostra a influência ainda presente da expressão de Shelley mesmo depois de consistentes críticas e tentativas de desmontes de esquemas muito lineares de conexão entre a contemporaneidade ocidental e a experiência grega antiga.

Há certos descompassos entre as duas posições no exemplo apresentado. A publicação de Shohat e Stam (2006) tem como objetivo uma discussão acadêmica de alcance diferente do resumido texto da apresentação da exposição; mas, mesmo com isso, é possível observar duas posições praticamente antagônicas quanto à proposta de Shelley. E essa recuperação positiva, um alinhamento aparente à expressão de Shelley presente no texto de apresentação da exposição, ainda pode ser observada em vários campos. Por exemplo, um discurso do então presidente americano dos Estados Unidos da América, Bill Clinton, em visita à Grécia em 1999, deslocou a discussão do plano da cultura, alcançando a esfera da política, mais precisamente retomando a identificação da origem da democracia e sua adoção ampla na contemporaneidade.⁴⁰ E, mesmo em discussões acadêmicas, a proposta de Shelley parece ser ainda influente. Por exemplo, o historiador da Vanderbilt University, Carl Richard, especialista no tema da recepção dos clássicos nas instituições políticas dos EUA,⁴¹ na introdução de uma obra recente (RICHARD, 2010, p. xi-xv), retoma inicialmente a fórmula de Shelley “somos todos gregos”, justificando-a e, como já feito no final do século XIX, agrega a ela as contribuições judaico-cristãs e principalmente romanas, as mais significativas no seu ponto de vista, dada a projeção dos conteúdos gregos e judaico-cristãos pelos romanos; tema que é explorado ao longo de sua obra.

Na medida em que apenas aspectos da proposta de Shelley são atuais, e que ela, originalmente, não era exclusiva dele (ou seja, enquadrava-se em um debate corrente na Inglaterra e, em certa medida, na Europa da época de sua publicação), o que parece ser ainda influente, ao menos parcialmente, são aspectos dessas propostas ideologicamente orientadas daquele contexto, às quais a famosa expressão de Shelley remete, seja em um cenário de aceitação ingênua ou ideologicamente delimitada que promove a aceitação de uma origem comum positivamente avaliada, seja nas propostas críticas que não aceitam sem relutância a perspectiva de uma origem grega comum, a despeito da valorização de certas especificidades. Assim, a questão principal não é se somos todos gregos ou não, mas como ainda nos inserimos nesse debate e os elementos que mobilizamos para nos situar dentro dele.

Uma saída interessante para pensar nessa questão é posicionar-se criticamente nesse debate, ou seja, conhecer esses mecanismos de articulação do discurso (não apenas o prefácio do poema *Hellas* de Shelley, mas também o ambiente que proporcionou a sua criação e solidificação) e entender que a posição tomada com relação a ele (a aderência ou não ao discurso de articulação ocidental baseada na experiência grega antiga) é importante. “Ser grego”, nesse sentido, não seria necessariamente reconhecer uma herança baseada na experiência grega antiga com algum tipo de envolvimento dos romanos, dos hebreus e dos cristãos, e linearmente articulada, mas entender que a Grécia e o mundo clássico como origem são opções entre outras. Dessa forma, “por que, atualmente, optar pela Grécia?” parece uma boa questão; a qual, aparentemente, o interesse específico da fórmula do poeta Shelley não pode responder. Nesse debate, o estranhamento com relação ao reconhecimento de certa “helenidade” ocidental nos nossos dias parece fornecer argumentos mais consistentes, já que a própria historicidade dessa conexão é discutida.⁴²

Anexo – Prefácio ao poema *Hellas*⁴³

O poema *Hellas*, escrito por sugestão dos eventos do momento, é um mero improvisado e deriva seu interesse (caso algum possa ser encontrado) exclusivamente da simpatia intensa que o Autor sente pela causa que ele gostaria de celebrar. O assunto, no seu estado atual, não é suscetível de ser tratado de outra forma que não liricamente, e se eu chamei esse poema de drama pelo motivo de ele ter sido composto em diálogos, a licença não é maior que aquela que foi assumida por outros poetas que chamaram sua produção de épica apenas pelo fato de ela ter sido dividida em doze ou vinte e quatro livros.

Os Persas de Êsquilo proporcionou-me o modelo inicial da minha concepção, embora a decisão da gloriosa batalha travada agora na Grécia mantida ainda em suspenso alerte contra uma catástrofe como a do retorno de Xerxes e a desolação dos persas. Tenho-me, assim, contentado em exibir uma série de imagens líricas e em ter bordado sobre a cortina do futuro, que recai sobre a cena inacabada, tais figuras delineadas de forma indistinta e visionária como sugere o triunfo final da causa grega considerado uma parte da causa da civilização e do aperfeiçoamento social.

O drama (se ele pode assim ser chamado) é, entretanto, tão natural que duvido se, caso recitado na carroça de Téspias em uma aldeia ateniense durante uma Dionisíaca, teria obtido a cabra como prêmio. Deverei suportar com serenidade qualquer punição, maior que a perda de tal recompensa, que um Aristarco do momento pensaria apropriado infligir.

O único “canto da cabra” que já tentei, confesso, apesar da natureza desfavorável do assunto, recebeu uma porção maior e mais valiosa de aplausos do que eu esperava ou do que ele merecia.

O rumor é a única autoridade que posso alegar para os detalhes que formam a base do poema, e devo abusar do perdão dos meus leitores pela exibição de erudição jornalística à qual fui reduzido. Sem dúvida, até a conclusão da guerra, será impossível obter uma narrativa suficientemente autêntica para estudos históricos, mas poetas têm seu privilégio e é inquestionável que ações da mais exaltada coragem tenham sido realizadas pelos gregos – que ganharam mais de uma batalha naval e cuja derrota em Valáquia foi marcada por circunstâncias de heroísmo mais gloriosas do que a vitória.

A apatia dos governantes do mundo civilizado para com as espantosas circunstâncias dos descendentes daquela nação, à qual eles devem sua civilização, emergindo, por assim dizer, das cinzas de sua ruína, é algo realmente inexplicável a um mero espectador do espetáculo

The poem of “Hellas”, written at the suggestion of the events of the moment, is a mere improvise, and derives its interest (should it be found to possess any) solely from the intense sympathy which the Author feels with the cause he would celebrate.

The subject, in its present state, is insusceptible of being treated otherwise than lyrically, and if I have called this poem a drama from the circumstance of its being composed in dialogue, the licence is not greater than that which has been assumed by other poets who have called their productions epics, only because they have been divided into twelve or twenty-four books.

The “Persae” of Aeschylus afforded me the first model of my conception, although the decision of the glorious contest now waging in Greece being yet suspended forbids a catastrophe parallel to the return of Xerxes and the desolation of the Persians. I have, therefore, contented myself with exhibiting a series of lyric pictures, and with having wrought upon the curtain of futurity, which falls upon the unfinished scene, such figures of indistinct and visionary delineation as suggest the final triumph of the Greek cause as a portion of the cause of civilisation and social improvement.

The drama (if drama it must be called) is, however, so inartificial that I doubt whether, if recited on the Thespian waggon to an Athenian village at the Dionysiaca, it would have obtained the prize of the goat. I shall bear with equanimity any punishment, greater than the loss of such a reward, which the Aristarchi of the hour may think fit to inflict.

The only “goat-song” which I have yet attempted has, I confess, in spite of the unfavourable nature of the subject, received a greater and a more valuable portion of applause than I expected or than it deserved.

Common fame is the only authority which I can allege for the details which form the basis of the poem, and I must trespass upon the forgiveness of my readers for the display of newspaper erudition to which I have been reduced. Undoubtedly, until the conclusion of the war, it will be impossible to obtain an account of it sufficiently authentic for historical materials; but poets have their privilege, and it is unquestionable that actions of the most exalted courage have been performed by the Greeks — that they have gained more than one naval victory, and that their defeat in Wallachia was signalized by circumstances of heroism more glorious even than victory.

The apathy of the rulers of the civilised world to the astonishing circumstance of the descendants of that nation to which they owe their

60 dessa cena mortal. Somos todos gregos. Nossas leis, nossa literatura, nossa religião e nossas artes têm suas raízes na Grécia. Se não fosse pela Grécia, Roma, a instrutora, a conquistadora, a metrópole dos nossos ancestrais, não teria
65 espalhado a iluminação com suas armas, e talvez ainda fôssemos selvagens ou idólatras; ou, o que é pior, teríamos chegado a tal estado estagnado e miserável de instituições sociais como as que a China e o Japão possuem.

70 A forma humana e a mente humana alcançaram uma perfeição na Grécia que imprimiu a sua imagem naquelas produções irrepreensíveis, cujos próprios fragmentos são o desespero da arte moderna, e propagou impulsos que não podem cessar através de milhares de
75 canais de manifestação ou de operações imperceptíveis, para enobrecer e encantar a humanidade até a extinção da raça.

O grego moderno é descendente daqueles seres gloriosos que a imaginação quase recusa a
80 representar para si mesma como pertencentes à nossa espécie, e ele herda muito da sensibilidade daqueles, da agilidade de ideias, do entusiasmo e da coragem. Se, em vários campos, ele é degradado pela escravidão moral e política à
85 prática dos mais vis vícios que ela engendra – e aquela abaixo do nível de degradação ordinária –, permite-nos refletir que a corrupção do melhor produz o pior, e que hábitos subsistentes apenas com relação a um estado peculiar de instituição social possam desaparecer tão logo essa relação seja dissolvida. Na verdade, os gregos, uma vez que o admirável romance sobre Anastácio pudesse ter sido uma imagem fiel de suas maneiras, têm
90 passado por mudanças das mais importantes: a flor de sua juventude, retornando a seu país das universidades da Itália, Alemanha e França, comunicaram aos seus concidadãos os mais recentes resultados daquela perfeição social da qual seus antepassados foram a fonte original. A
100 Universidade de Quiós, antes de irromper a revolução, tinha oitocentos estudantes, entre eles vários alemães e americanos. A generosidade e a energia de muitos dos príncipes e comerciantes gregos, voltados para a renovação de seu país com um espírito e uma sabedoria que têm poucos
105 paralelos, está acima de todo louvor.

Os ingleses permitem que seus próprios opressores ajam de acordo com sua simpatia natural ao tirano turco e marquem seu nome com
110 a mancha indelével de uma aliança com os inimigos da felicidade doméstica, do cristianismo e da civilização.

A Rússia deseja possuir, não libertar a Grécia; e está contente em ver os turcos, seus
115 inimigos naturais, e os gregos, a quem desejam como escravos, enfraquecerem uns aos outros até que um, ou ambos, caiam na sua rede. A política sábia e generosa da Inglaterra teria consistido em

civilisation, rising as it were from the ashes of their ruin, is something perfectly inexplicable to a mere spectator of the shows of this mortal scene. We are all Greeks. Our laws, our literature, our religion, our arts have their root in Greece. But for Greece — Rome, the instructor, the conqueror, or the metropolis of our ancestors, would have spread no illumination with her arms, and we might still have been savages and idolaters; or, what is worse, might have arrived at such a stagnant and miserable state of social institution as China and Japan possess.

The human form and the human mind attained to a perfection in Greece which has impressed its image on those faultless productions, whose very fragments are the despair of modern art, and has propagated impulses which cannot cease, through a thousand channels of manifest or imperceptible operation, to ennoble and delight mankind until the extinction of the race.

The modern Greek is the descendant of those glorious beings whom the imagination almost refuses to figure to itself as belonging to our kind, and he inherits much of their sensibility, their rapidity of conception, their enthusiasm, and their courage. If in many instances he is degraded by moral and political slavery to the practice of the basest vices it engenders — and that below the level of ordinary degradation — let us reflect that the corruption of the best produces the worst, and that habits which subsist only in relation to a peculiar state of social institution may be expected to cease as soon as that relation is dissolved. In fact, the Greeks, since the admirable novel of Anastasius could have been a faithful picture of their manners, have undergone most important changes; the flower of their youth, returning to their country from the universities of Italy, Germany, and France, have communicated to their fellow-citizens the latest results of that social perfection of which their ancestors were the original source. The University of Chios contained before the breaking out of the revolution eight hundred students, and among them several Germans and Americans. The munificence and energy of many of the Greek princes and merchants, directed to the renovation of their country with a spirit and a wisdom which has few examples, is above all praise.

The English permit their own oppressors to act according to their natural sympathy with the Turkish tyrant, and to brand upon their name the indelible blot of an alliance with the enemies of domestic happiness, of Christianity and civilisation.

Russia desires to possess, not to liberate Greece; and is contented to see the Turks, its natural enemies, and the Greeks, its intended slaves, enfeeble each other until one or both fall

- estabelecer a independência da Grécia, e em mantê-la contra a Rússia e a Turquia; — mas, quando o opressor foi generoso ou justo?
- 120 A Península Ibérica já está livre. A França está tranquila aproveitando-se de uma isenção parcial dos abusos que o seu governo artificial e fraco tenta reviver em vão. A semente do sangue e da miséria foi semeada na Itália, e uma raça mais vigorosa está surgindo para realizar a colheita. O mundo espera somente as notícias de uma revolução na Alemanha para ver os tiranos, que se alçaram sobre sua inércia, caírem na ruína da qual eles nunca deveriam ter surgido. Bem fazem esses destruidores da humanidade em conhecer seu inimigo, quando eles imputam a insurreição na Grécia ao mesmo espírito diante do qual eles estremecem por todo o resto da Europa, e este inimigo conhece bem o poder e a astúcia de seus oponentes, e observa o momento de sua fraqueza se aproximando e a divisão inevitável para arrancar os cetros sangrentos de seu domínio.
- 125
- 130
- 135

into its net. The wise and generous policy of England would have consisted in establishing the independence of Greece, and in maintaining it both against Russia and the Turk; — but when was the oppressor generous or just?

The Spanish Peninsula is already free. France is tranquil in the enjoyment of a partial exemption from the abuses which its unnatural and feeble government are vainly attempting to revive. The seed of blood and misery has been sown in Italy, and a more vigorous race is arising to go forth to the harvest. The world waits only the news of a revolution of Germany to see the tyrants who have pinnacled themselves on its supineness precipitated into the ruin from which they shall never arise. Well do these destroyers of mankind know their enemy, when they impute the insurrection in Greece to the same spirit before which they tremble throughout the rest of Europe, and that enemy well knows the power and the cunning of its opponents, and watches the moment of their approaching weakness and inevitable division to wrest the bloody sceptres from their grasp.

Referências Bibliográficas

- ADRADOS, F. Rodríguez. Lord Elgin y el expolio de la Acrópolis. In: ADRADOS, F. Rodríguez; SOMOLINOS, J. Rodríguez (eds.). *El Partenón en los orígenes de Europa*. Madrid: C.S.I.C., 2003, p. 201-13.
- ANGUS, Samuel. *The religious quests of the Graeco-Roman world: a study in the historical background of early Christianity*. New York: Biblo & Tannen Publishers, 1929.
- ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957.
- _____. *Crônicas de Lélío*. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1968.
- AUGUSTO, Sergio. *Millôr Fernandes*. Cadernos de literatura brasileira, Edições 15-16, Instituto Moreira Salles, 2003.
- AZEVEDO, Maria Helena Castro. *Um senhor modernista: biografia de Graça Aranha*. Academia Brasileira de Letras, 2002.
- BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e artifício: Iberismo e barroco na formação Americana*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. UFMG; IUPERJ, 2000.
- BIERI, James. *Percy Bysshe Shelley: A Biography: Exile of Unfulfilled Reknown, 1816-1822*. University of Delaware Press, 2005.
- BONNELL, Victoria E.; HUNT, Lynn Avery; BIERNACKI, Richard. *Beyond the cultural turn: new directions in the study of society and culture*. California: University of California Press, 1999.
- BORGES, Jorge Luis; PEICOVICH, Estebán (org.). *El palabrista: Borges: visto y oído*. Buenos Aires: Marea Editorial, 2006.
- BIRDWOOD, George. The 'Tughra' of the sultans of Tuirkey. *Journal of the Society of Arts*, vol. 39, p. 867-9, 1891.
- BUITRON-OLIVER, Diana; GAGE, Nicholas. *The Greek miracle: Classical sculpture from the dawn of democracy: the fifth century B.C*. Washington D. C.: National Gallery of Art, 1992.

- BURN, Lucilla. *Greek Myths*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- CANTARELLA, Eva. *El peso de Roma en la cultura europea*. Madrid: Ediciones AKAL, 1996.
- CARTLEDGE, Paul A. *The Greeks: A portrait of self and others*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- CLAPP, Edward B. The study of the Classics. *Overland monthly and Out West magazine*, volume 28, 163, p. 93-103, 1896.
- CLINTON, William J. *Public Papers of the Presidents of the United States, William J. Clinton*, Book 2, Washington: Government Printing Office, 1999.
- CULLER, A. Dwight. *The Victorian Mirror of History*. New Haven: University Press, 1985
- CURRAN, Stuart. *The Cambridge Companion to British Romanticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DAKIN, D. *The Greek struggle for independence*. London: Batsford, 1973.
- DANIEL, C. *Jardim de camaleões: a poesia neobarroca na América Latina*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DODS, Marcus. Christianity and civilisation. *Good Words*, vol. 27. London: Alexander Strahan and Co., p. 815-20, 1886.
- DONAWERTH, Jane. *Frankenstein's Daughters: Women Writing Science Fiction*. Syracuse University Press, 1997.
- EVANS, Arthur J. *et al. Anthropology and the Classics: Six Lectures delivered before the University of Oxford*. Oxford: The Clarendon Press, 1908.
- EVEREST, Kelvin. *Percy Bysshe Shelley: Bicentenary Essays*. Cambridge: D.S. Brewer, 1992.
- FAINGOLD, Reuven. *D. Pedro II na Terra Santa: diário de viagem, 1876*. São Paulo: Editora & Livraria Sêfer, 1999.
- FRANKLIN, Caroline. *Byron*. New York: Routledge, 2006.
- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2001.
- GAGARIN, Michael. *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome*. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GOLDHILL, Simon. *Amor, sexo e tragédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- GROTE, George. *A History of Greece, 2: From the Earliest Period to the Close of the Generation Contemporary with Alexander the Great*. London: John Murray, 1862.
- GUARINELLO, Noberto Luiz. *História antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- GUIMARÃES, Hélio. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- HALL, Jonathan. Autochthonous autocrats: the tyranny of the Athenian democracy. In: TURNER, A. J.; CHONG-GOSSARD, J. H. O.; VERVAET, F. J. (orgs.) *Private and public lies: The discourse of despotism and deceit in the Graeco-Roman world*. Leiden: BRILL, p. 11-27, 2010.
- HAMILTON, Paul. *Percy Bysshe Shelley*. Horndon: Northcote House, 2000.
- HATZOPOULOS, Marios. From resurrection to insurrection: 'sacred' myths, motifs, and symbols in the Greek War of Independence. In: BEATON, Roderick; RICKS, David (eds.) *The making of modern Greece: nationalism, romanticism, & the uses of the past (1797-1896)*. Farnham: Ashgate Publishing, p. 81-94, 2009.
- HIGGINS, Charlotte. *It's all Greek to me: from Homer to the Hippocratic oath, how ancient Greece has shaped our world*. New York: Harper Collins Publishers LLC, 2010.

- HOPKINS, Right Rev. Ezekiel. Matthew Arnold and his poetry. *The St. James's Magazine and United Empire Review*, vol. 8, p. 236-42, 1872.
- KNIGHT, Edgar Wallace. *Twenty Centuries of Education*. Boston: Ginn and Company, 1940.
- KUPERMAN, Diane. *Anti-semitismo: novas facetas de uma velha questão*. Rio de Janeiro: Pontal, 1992.
- LANSE, Hal W. *The Influence of Percy Bysshe Shelley on Mary Shelley's Frankenstein*. Queens College Department of English, 1991.
- LEMUS, Virgilio Lopez. *Entrevistas: Alejo Carpentier*. Habana: Editorial Letras Cubanas, 1985.
- LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1949.
- LOWRY, S. Todd. *Pre-Classical Economic Thought: From the Greeks to the Scottish Enlightenment*. Dordrecht: Springer, 1987.
- MAHONEY, Charles. *A Companion to Romantic Poetry*. West Sussex: John Wiley & Sons, 2010.
- MAIA NETO, José Raimundo. *Machado de Assis: The Brazilian Pyrrhonian*. Indiana: Purdue University Press, 1994.
- MONTENEGRO, Néstor J.; BIANCO, Adriana. *Borges y los otros: recuerdos, testimonios, pensamientos*. Barcelona: Planeta, 1990.
- MORRIS, Ian; RAAFLAUB, Kurt A.; CASTRIOTA, David. *Democracy 2500?: questions and challenges*. Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Company, 1998.
- MORTON, Timothy. *The Cambridge Companion to Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- PARREIRA, Marcelo Pen. *Realidade Possível – Dilemas da Ficção em Henry James e Machado de Assis*. Cotia: Atelie Editorial, 1998.
- PINHO, Patricia de Santana. *Reinvenções da África na Bahia*. São Paulo: Annablume, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RICHARD, Carl. *Why we're all Romans: the Roman contribution to the western world*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- ROBERT Browning's latest poem. *The St. James's Magazine and United Empire Review*, vol. 8, p. 83-91, 1872.
- ROESSEL, David. *In Byron's shadow: modern Greece in the English and American imagination*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SACHS, Jonathan. *Romantic Antiquity: Rome in the British imagination, 1789-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- SÁENZ, Alfonso Castro. La ideia de *romanitas* y de *ius romanum* en Ortega y Gasset. Germanismo, helenismo y mediterraneidad en las *Meditaciones del Quijot*. In: ALONSO, Fernando H. Llano; SÁENZ, Alfonso Castro (eds.) *Meditaciones sobre Ortega y Gasset*. Madrid: Editorial Tebar, p. 341-71, 2005.
- SCHMID, Susanne; ROSSINGTON, Michael. *The Reception of P. B. Shelley in Europe*. London; New York: Continuum, 2008.
- SCHOINA, Maria. 'The prophet of noble struggles': Shelley in Greece. In: SCHMID, Susanne; ROSSINGTON, Michael (eds.) *The reception of P. B. Shelley in Europe*. London; New York: Continuum, p. 258-300, 2008.
- SHELLEY, Percy B. *Hellas*. A lyrical drama. London: Charles and James Ollier Vere Street, 1822.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad.: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SOARES, Luis Eustáquio. *José Lezama Lima: anacronia, lepra, barroco e utopia*. Vitória: EDUFES, 2007.

SONNENSCHNEIDER, E. A. Shakspeare [sic] and Stoicism. *The University Review*, vol. 1, p. 23-41, 1905.

STANTON, Theodore. *A manual of American literature*. New York: G. P. Putnam's sons, 1909.

VANNUCCHI, Aldo. *Deus e o diabo por trás das palavras*. São Paulo: Nankin, 2004.

VIDAL-NAQUET, P. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. Trad.: J. B. Neto, São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

WASSERMAN, Earl R. *Shelley: a critical reading*. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1977.

WELLS, James. *Christ and the Heroes of Heathendom*. London: Religious Tract Society, 1886.

Notas

¹ Para a apresentação de alguns pontos de interesse sobre a Grécia no século XVIII, que será apresentado em linhas gerais na sequência, ver GAGARIN, 2010, p. 200-3.

² Para a poesia romântica, essencialmente em língua inglesa, ver CURRAN, 2010 e MAHONEY, 2010.

³ Para a polêmica sobre a influência de Shelley na obra de sua esposa, ver LANSE, 1991; DONAWERTH, 1997, p. xvii-xviii e BIERI, 2005, p. 38-9. Para o poeta Percy B. Shelley (1792-1822) e sua obra, ver WASSERMAN, 1977; EVEREST, 1992; HAMILTON, 2000 e MORTON, 2006.

⁴ O conflito em questão, a “guerra da independência grega” ou “revolução grega”, durou entre 1821 e 1832, encerrado com a assinatura do Tratado de Constantinopla que garantiu a independência ao estado grego do domínio turco (ver DAKIN, 1973 e HATZOPOULOS, 2009); para a participação de Byron, ver FRANKLIN, 2006, p. 27-8.

⁵ Para as recentes abordagens sobre o poema *Hellas*, ver CALLAGHAN, Madeleine. *The Oxford Handbook of Percy Bysshe Shelley*. Oxford: Oxford University Press, 2012, cap. 18.

⁶ Sobre a experiência política e literária de Shelley em Pisa, ver MORTON, 2006, p. 29-31; 60 e SCHMID; ROSSINGTON, 2008, p. 2-4; 68-9; 87.

⁷ A editora responsável por sua publicação foi a *Charles and James Ollier Vere Street*, de Londres, que publicou outras obras de Shelley, tais como: *The Revolt of Islam. A poem in twelve cantos* (1817), *Rosalind and Hellen. A modern eclogue* (1819), *Julian and Maddalo. A conversation* (1819), *Peter Bell the third* (1819), *Prometheus unbound. A lyrical drama in four acts* (1820), *The Cenci. A tragedy in five acts* (1821), *Adonais. An elegy on the death of Joahn Keaths, author of Endymion, Hyperion, etc* (1821), *Epipsychidion. Verses addressed to the noble and unfortunate lady Emilia V* (1939) – *post mortem*, entre outras. Depois da publicação original do poema *Hellas*, em 1822, ano da morte de Shelley, este poema foi publicado várias vezes ao longo do século XIX; veja-se, algumas dessas edições: *The poetical works of Coleridge, Shelley, and Keats*. Philadelphia: Crissy & Markley, no.4, Minor street, 1831 (organizado por Samuel Taylor Coleridge); *The Poetical Works of Percy Bysshe Shelley*. Vol. 2. London: E. Moxon, 1839 (organizado por Mary W. Shelley); *The Poetical Works of Percy Bysshe Shelley*. Vol. 2. Boston: Little, Brown and company, 1862 (organizado por Mary W. Shelley); *Hellas: A Lyrical Drama by Percy Bysshe Shelley. The Choruses Set to Music by William Christian Selle*. London: Spottiswoode, 1886 (montage por William Christian Selle); *Hellas, a Lyrical Drama*. Reprinted from the Original Edition of 1822. Shelley Society, Thomas James Wise, 1886, (editado por T.J. Wise. F.P.); *The complete poetical works of Percy Bysshe Shelley*. Vol. 3. Boston, Houghton, Mifflin, 1892 (organizado por George Edward Woodberry). Além das edições em inglês, o poema já era publicado, nesse mesmo período, em línguas estrangeiras, como o alemão e o francês (ver, por exemplo, *Oeuvres poétiques complètes. 2, Les Cenci, Prométhée délivré, La Magicienne de l'Atlas, Epipsychidion Adonais, Hellas*, 1887, Paris: E. Giraud et Cie. (traduzido e organizado por Félix Rabbe); e *Percy Bysshe Shelley's Poetische Werke in einem Bande*, 1844, Leipzig: W. Engelmann (traduzido por Julius Seybt).

⁸ [...] *the golden years return* (SHELLEY, 1822, p. 51). Shelley, que morreu em 1822, não chegou a ver o desfecho do conflito greco-turco. Para a relação do poeta a esse conflito, ver ROESSEL, 2001, p. 94-7 e SCHOINA, 2008.

⁹ A citação mais comum é “somos todos gregos”, que pode ou não indicar o autor e a obra que compunha. Além disso, a sequência “Nossas leis, nossa literatura, nossa religião, nossas artes têm suas raízes na Grécia” também foi bastante utilizada.

¹⁰ Esse prefácio acabou apresentando uma importante referência para um debate que pode ser caracterizado como essencialmente romântico e filelênico, com alguns pontos de aproveitamento posteriormente. O especialista em poesia, A. Dwight Culler argumenta que “somos todos gregos” seria “um discurso que ninguém poderia formular cinquenta anos antes” (*We are all Greeks... a statement that no one would have made fifty years earlier*). CULLER, 1985, p. 19.

¹¹ *We are not all Greeks* (Robert Browning's latest poem, p. 91).

¹² A expressão “somos todos gregos” tornou-se amplamente generalizada, o que proporcionou certa independência de seu criador (Shelley) ou da obra específica que ela compunha (o prefácio do poema *Hellas*), sendo constantemente referenciada de forma descontextualizada ou sem referência precisa e explícita. Neste caso específico, Shelley não é citado, mas, no mesmo exemplar, em outro estudo, Robert Browning e Percy B. Shelley são aproximados, indicando a possibilidade de citação indireta à já famosa expressão de Shelley (*Matthew Arnold and his poetry*, p. 240).

¹³ “Todas as nações civilizadas são colônias da Grécia; e, como Shelley disse, ‘Somos todo gregos’. Mas, os prodígios desse gênio bem sucedido estavam relacionados a uma terrível corrupção de comportamento” (*All civilised nations are colonies of Hellas; and, as Shelley says, 'We are all Greeks.' But these prodigialities of successful genius were wedded to a frightful corruption of manners*). WELLS, 1886, p. 46).

¹⁴ A crítica apresentada na resenha é a seguinte: “No fim das contas, a despeito da sentença de Shelley, não somos todos gregos; e já é tempo de insistir que Oxford, ou ao menos parte dela, deveria deixar de nos julgar a partir dessa medida” (*After all, in spite of Shelley's dictum, we are not all Greeks; and it is time to insist that Oxford - or a part thereof at least - should cease to judge us by that standard*). *The Sociological Review*, vol. 2, 2-4, 1909, p. 304.

¹⁵ É o que se vê, por exemplo, nessa passagem que ratifica a proposta de Shelley: “É absolutamente necessário que um homem educado deva compreender a face intelectual de uma civilização complexa e em tudo o que pertence a sua vida intelectual, os gregos foram os maiores. ‘Somos todos gregos’, disse Shelley, ‘nossas leis, nossa literatura, nossa religião e nossa arte têm raízes na Grécia’. É inútil para um homem tentar estudar uma civilização do século XIX sem entender suas fontes entre os gregos, é como tentar praticar a medicina sem conhecer nada da anatomia e fisiologia” (*It is absolutely necessary that an educated man should understand the intellectual side of our complex civilization, and in all that pertains to our intellectual life, the Greeks are supreme. 'We are all Greeks,' said Shelley, 'our laws, our literature, our religion, our art, have their roots in Greece.' It is a futile for a man to try to study the civilization of the nineteenth century, without understanding its sources among the Greeks, as to attempt to practice medicine, without knowing anything of anatomy and physiology*). CLAPP, 1896, p. 97. Esse alinhamento que ratifica a fórmula de Shelley pode ser encontrado, com força, até meados do século XX: “Testemunhos sobre a importância atual de certa familiaridade com o pensamento grego é abundante. Shelley (1792-1822), o poeta inglês, disse: ‘somos todos gregos. Nossas leis, nossa literatura, nossa religião e nossa arte têm suas raízes na Grécia’” (*Testimony concerning the importance today of an acquaintance with Greek thought is abundant. Shelley (1792-1822), the English poet, said: 'We are all Greeks. Our laws, our literature, our religion, our art, have their roots in Greece'*). KNIGHT, 1940, p. 65. Um pouco depois, mas na mesma linha: “Somos todos gregos na nossa maneira de pensar e muito diferentes dos russos e orientais. Aprendemos a nossa lógica e, supostamente como parece, nosso pensamento dos gregos, e muito pouco, exceto a religião das metáforas e analogias dos hebreus. Nossa dívida com os gregos nunca poderemos pagar, não importa o quanto dermos à Grécia, mas pagaremos em parte” (*We are all Greeks in our way of thinking and quite different from the Russians and Orientals. We have learned our logic and supposedly sound thinking from the Greeks and very little except religion from the metaphors and analogies of the Hebrews. We owe a debt to the Greeks which we can never repay, no matter how much we give to Greece, but at least let us repay in part*). *Athene: The American Magazine of Hellenic Thought*, vol. 7-9, 1948, p. 10.

¹⁶ A inserção de Roma nesse repertório transita entre a aceitação da Grécia como entidade original do Ocidente; mas também de sua insuficiência. Tal situação já era comum na segunda metade do século XIX e alcança com força o século XX, o que ainda será tratado. Veja-se, aqui, apenas um exemplo: “A Europa está indissolúvelmente ligada à grande tradição clássica; e, desse modo, os nossos antepassados espirituais nos domínios da arte e da ciência encontram-se não entre os teutões - os nossos antepassados físicos - mas entre os gregos e os romanos, os romanos mais intimamente relacionados que os gregos. Shelley, no prefácio de seu poema *Hellas*, disse ‘somos todos gregos’. Sim, somos, mas seria mais verdadeiro dizer que somos todos romanos, pelo pouco que sabemos. Pois o que os gregos criaram na arte

e na ciência os romanos transmitiram, com suas próprias modificações, ao mundo moderno” (*Europe is indissolubly linked with the great classical tradition, and that our spiritual ancestors in the realms of art and science are to be found not among the Teutons - our corporeal ancestors - but among the Greeks and the Romans, the Romans standing to us in a more intimate relation than the Greeks. Shelley, in the preface to his Hellas, said that ‘we are all Greeks.’ So we are, but it would be even truer to say that we are all Romans, little as we know it. For what the Greeks originated in art and science the Romans handed on, with characteristic modifications of their own, to the modern world*). SONNENSCHNEIDER, 1905, p. 24-5.

¹⁷ “[...] braço armado de la cultura griega [...], la fuerza militar y el poder, en oposición a Grecia, que era el espíritu y la creatividad”. CANTARELLA, 1996, p. 14-5.

¹⁸ Por exemplo, o influente historiador inglês George Grote, ao comentar a ética do sistema de cunhagem de moedas em Atenas, disse: “A democracia de Atenas, - e, de fato, as cidades da Grécia geralmente, tanto oligarquias quanto as democracias, - estão muito acima do senado de Roma, e muito acima dos reinos modernos da França e da Inglaterra até recentemente” (*The democracy of Athens (and indeed the cities of Greece generally, both oligarchies and democracies) stands far above the senate of Rome, and far above the modern kingdoms of France and England until comparatively recent times*). GROTE, 1862, p. 317; o que apresenta uma hierarquia positiva para Atenas e a Grécia, em termos de comparação, tendo não apenas Roma como base, mas estados modernos de sua época, inclusive o qual ele era cidadão.

¹⁹ “A cada dia se afirma mais fortemente a posição da Grécia, *hors ligne*, na história do mundo. [...] A Grécia inventou os temas substanciais da cultura européia e a cultura européia é a protagonista da história, enquanto não existir outra superior” (*Cada día que pasa afirma Grecia más energicamente su posición hors ligne en la historia del mundo. [...] Grecia ha inventado los temas sustanciales de la cultura europea y la cultura europea es el protagonista de la historia, mientras no exista otra superior*). Ortega y Gasset, Apud SÁENZ, 2005, p. 346.

²⁰ Sáenz chega a sugerir certo alinhamento das propostas de Ortega y Gasset às de Shelley, dado o interesse que esse filósofo tinha sobre o poeta a partir do pressuposto de que ele teria estabelecido uma explicação do mundo clássico com um grande destaque sobre a Grécia (com uma entusiasmada descrição de uma origem positiva na Grécia) e subavaliado a experiência romana (Ortega y Gasset, Apud SÁENZ, 2005, p. 346-7).

²¹ Para a caracterização desse cenário de interpretações da obra de Shelley e da análise das referências à Roma, ver SACHS, 2010, p. 146-75.

²² Veja-se, algumas propostas que sintetizam essa abrangência que, além de manter Grécia e Roma, incluem a contribuição hebraica e cristã nesse repertório. No primeiro texto, o autor dá destaque à conservação dos conteúdos “clássicos” (criados pelos gregos e romanos) no seio do cristianismo: “Mas, o que alego fortemente agora é que, seja o que o mundo antigo tenha produzido de forma digna, isso foi transmitido para nós pela ação do cristianismo. Quando Shelley disse: ‘Somos todos gregos, nossas leis, nossa literatura, nossa religião, nossa arte, tem suas raízes na Grécia’, ele falou de forma um tanto aleatória. Ele deveria ter dito uma verdade inquestionável, que devemos amplamente nossa arte e literatura à Grécia e nossa lei a Roma. Mas, foi a Igreja de Cristo que, apesar de não ter criado, conservou essa grande herança para nós nos tempos modernos” (*But the claim I am now urging is, that whatever the ancient world produced of a worthy kind, has been handed down to us by the agency of Christianity. When Shelley said, ‘We are all Greeks, our laws, our literature, our religion, our art, have their roots in Greece,’ he spoke somewhat at random. But had he said that to Greece we are largely indebted in art and literature, and to Rome in law, he would have uttered unquestionable truth. But it is the Church of Christ which, though it did not create, has conserved these great heritages to us of modern times*). DODS, 1886, p. 816. Tal paralelismo Grécia-Roma e cristianismo parece ter sido popular. Veja-se, por exemplo, que ele foi replicado logo depois: “No seu discurso patriótico diante do recente Congresso Oriental de 1891, M. Gennadius citou Shelley e de forma entusiasmada exclamou: ‘somos todos gregos; nossas leis, nossa literatura, nossa religião e nossa arte têm raízes na Grécia’. Como é literalmente verdade que somos todos romanos, todos cidadãos daquele mundo de leis igualitárias, e que estabeleceu a paz e o progresso, tão maravilhosamente criado a partir do caos pelo supremo gênio de Júlio César, e reorganizado, após o grande cataclisma dos bárbaros, sobre uma base cristã por Carlos Magno” (*In his patriotic speech before the recent Oriental Congress of 1891, M. Gennadius, quoting Shelley, enthusiastically exclaimed: - ‘We are all Greeks; our laws, our literature, our religion, our art, have roots in Greece.’ As literally true is it that we are all Romans, all citizens of that world of equal laws, and settled peace and progress, so wonderfully created out of chaos by supreme genius of Julius Caesar, and reorganized, after the great cataclysm of the barbarians, on a Christian basis, by Charlemagne*). BIRDWOOD, 1891, p. 869. Na sequência, um texto onde o autor critica tanto a formulação de Shelley, quanto àquela que destaca a contribuição judaica: “Shelley exagera quando ela diz ‘somos todos gregos; nossas leis, nossa religião e

nossa arte têm raízes na Grécia’; assim como Frances Thompson, por outro lado, quando diz que ‘o paganismo é encantador por que ele está morto’, já que o paganismo helenístico oriental não era caracterizado por falta de valores espirituais e morais. [...] O hebraísmo deu sua contribuição perene, especialmente para a vida religiosa. Se Shelley exagerou observando os gregos, John Romanes [*Thoughts on Religion*] exagerou ainda mais caracterizando os judeus quando ele diz: ‘se não fosse pelos judeus, a raça humana não teria tido nenhuma religião que valesse a pena à nossa atenção’ (*Shelley exaggerates when he says ‘we are all Greeks; our laws, our religion, our art, have their roots in Greece,’ as does Frances Thompson on the other hand when he says ‘Paganism is lovely because it is dead,’ since Hellenistic-Oriental Paganism was not without high moral and spiritual values. [...] Hebraism has made its perenial contribution, especially to the religious life. If Shelley exaggerated regarding the Greeks, Romanes [George John Romanes, *Thoughts on Religion*] has exaggerated still more regarding the Jews when he says, ‘If it had not been for the Jews the human race would not have had any religion worth our serious attention*) ANGUS, 1929, p. 2-3.

²³ O excerto, na sequência, indica a flexibilidade que a fórmula de Shelley proporcionava já no início do século XX, entre gregos, hebreus, ingleses e americanos: “Cada qual de sua forma, toda a literatura moderna é derivativa e não original, não apenas pela influência mútua; mas, em última análise, dependente das fontes de inspiração em civilizações que estão na base – a Grécia e a Palestina. ‘Somos todos gregos’, disse Shelley. Milton poderia ter dito ‘somos todos hebreus’. E nossos maiores poetas americanos poderiam ter adicionado: ‘somos todos ingleses’” (*In their way, all modern literatures are derivative and unoriginal; not merely influenced by each other, but ultimately dependent for the sources of their inspiration upon the basal civilisations of Palestine and Greece. ‘We are all Greeks,’ said Shelley. Milton might have said, ‘We are all Hebrews.’ And our best American poets might have add, ‘We are all Englishmen’*). STANTON, 1909, p. 240. Tal flexibilidade pode ser notada ainda recentemente. Por exemplo, o economista da Washington and Lee University, Virgínia, S. Todd Lowry, na sua análise do pensamento econômico pré-clássico, estende a fórmula de Shelley, em uma leitura crítica, ao keynesianismo: “Frank M. Turner observou que ‘escrever sobre a Grécia era em parte uma forma de os vitorianos escreverem sobre si próprios’. ‘Através do mundo ocidental’, ele adicionou, ‘autores e leitores vitorianos estavam determinados a encontrar os gregos tanto quanto possível como eles próprios e a racionalizar as diferenças fundamentais’. ‘Somos todos gregos’, disse Shelley, um discurso que traz a mente uma declaração que chama a atenção para a afirmação mais recente ‘Somos todos keynesianos agora’” (*Frank M. Turner observed that ‘writing about Greece was in part a way for the Victorians to write about themselves.’ ‘Across the Western world,’ he added, ‘Victorian authors and readers were determined to find the Greeks as much as possible like themselves and to rationalize away fundamental differences.’ ‘We are all Greeks,’ Shelley had said, a statement which calls to mind the more recent claim that ‘We are all keynesians now’*). LOWRY, 1987, p. 9.

²⁴ O debate sobre a base grega, clássica, tendo a fórmula de Shelley como referência, já era disseminada em variados campos de discussão artística e acadêmica em várias línguas no final do século XIX e início do século XX. Além da evidente importância no meio intelectual em língua inglesa, pode-se observá-la em italiano, alemão, francês. Ver *Preussische Jahrbücher*, Vol. 98, Heinrich von Treitschke, Hans Delbrück, G. Reimer, 1899, p. 206; *Révue de Belgique*, Vol. 79, Mme Ve Parent et fils., 1895, p. 100; *Commemorazione di P. B. Shelley in Roma*, Roma: Forzani, 1893, p. 13. Para a recepção de Shelley na Alemanha, Holanda, Polônia, Rússia, Bulgária e na Grécia, ver SCHMID; ROSSINGTON, 2008.

²⁵ Há referências a Shelley compondo algumas de suas narrativas. No *Memorial de Aires*, as citações a autores e artistas do romantismo são várias: Wagner, Schumann, Renan, Heine, Victor Hugo, Chateaubriand, De Stäel, Lamartine e, é claro, Shelley (PARREIRA, 1998, p. 41). Por exemplo, D. Carmo diz: “Shelley continuava a murmurar ao meu ouvido para que eu repetisse a mim mesmo: ‘I can’t give not what men call love’” (ASSIS, 1957, p. 55. Para esse verso de Shelley citado por Machado de Assis, ver NETO, 1994, p. 170; FREITAS, 2001, p. 148 e GUIMARÃES, 2004, p. 477). Esse verso não é perdido na obra. Ele será motivo de reflexão em outros momentos, quando Aires o retoma dizendo “verdade é que já então citava eu o verso de Shelley, mas uma coisa é citar versos, outra é crer neles” (ASSIS, 1957, p. 119) e, por fim, quando ele constata que o verso de Shelley estava errado (1822, p. 275). Há mesmo quem aproxime a postura de Machado de Assis na escrita das *Memórias póstumas de Brás Cubas* à de Shelley (ver GUIMARÃES, 2004, p. 185).

²⁶ *todos somos griegos en el exilio* (MONTENEGRO; BIANCO, 1990, p. 150). Tal fórmula foi repetida por Borges com algumas variações, por exemplo: “Somos todos hebreus ou gregos no exílio. Roma foi uma extensão” (*Todos somos hebreos o griegos en el exilio. Roma fue una extensión*). BORGES; PEICOVICH, 2006, p. 188.

²⁷ Tal distinção era apropriada em contextos variados. Por exemplo, o diplomata francês, o conde Joseph Arthur de Gobineau, costumava dizer: “A Grécia é divina; infelizmente há gregos” (FAINGOLD, 1999,

p. 65), em uma distinção entre a Grécia do passado e os gregos de sua época (Faingold (1999), enquadrando tal declaração de Gobineau justamente no contexto de sua viagem à Atenas acompanhando Dom Pedro II, de quem era amigo). Para as opiniões de Gobineau sobre os conflitos gregos do século XIX, ver VIDAL-NAQUET, 2002, p. 273-5.

²⁸ Pierre Vidal-Naquet (2002, p. 259), por exemplo, caracterizava-se como um “historiador da Grécia” e não como um “helenista”, já que este deveria ter um domínio que englobasse a Grécia moderna como tema.

²⁹ “Penso que a situação é esperançosa. Terminaria com uma longa história de glórias e desgraças, nos devolveria ou aperfeiçoaria um símbolo que nos é comum. Aos gregos e aos demais. Por que, no final das contas, somos todos gregos” (*Pienso que la situación es esperanzadora. Culminaría una larga historia de glorias y de desgracias, nos devolvería o perfeccionaría un símbolo que nos es común. A los griegos y a los demás. Porque, en definitiva, todos somos griegos*). ADRADOS, 2003, p. 212.

³⁰ A eleição do barroco por substituição da referência clássica ou gótica tornou-se um *topos* das artes na América Latina (ver RIBEIRO, 1995, p. 69-73; DANIEL, 2004 e SOARES, 2007). Por exemplo, o escritor cubano Alejo Carpentier, em uma fórmula parecida com a de Shelley, sem estabelecer qualquer citação direta, dizia: “somos todos barrocos” (LEMUS, 1985, p. 154); o que foi replicado em contextos variados (“Somos barrocos, e não devemos temer o barroquismo latino-americano, assegura o cubano Alejo Carpentier”. FILHO, 2000, p. 440). A formulação do barroco como elemento de articulação nacional brasileira é um elemento central no modernismo. Por exemplo, o modernista Graça Aranha indica alguns elementos de desconforto com a “herança clássica” e a opção pela mestiçagem cunhada nas terras americanas, elemento básico na articulação do discurso sobre o barroco: “nós não somos gregos, nem romanos, nós somos do nosso tempo [...] o que nos vem no sangue das migrações é o que nós trazemos em nós” (AZEVEDO, 2002, p. 222). O que pode ser observado em formulações posteriores, como a do intelectual Millôr Fernandes, caracterizando a si próprio, como aos brasileiros (no caso, os cariocas), como externos ao campo de pertencimento de uma “comunidade grega internacional”: “Eu não. Pirandello não tinha nada a ver comigo. Como é que eu posso fazer tragédia? Eu sou carioca, entendem? Carioca fazendo tragédia? Nós estamos vivendo uma tragédia, está certo, mas não temos tantas tragédias - nós não somos gregos” (AUGUSTO, 2003, p. 41).

³¹ A chamada “viragem cultural” ou “pós-modernismo” é mais precisamente identificada como um movimento revisionista a partir da década de 1980, ligado a uma mudança de perspectiva com relação a elementos variados da situação dos agentes político-culturais no plano internacional. No campo das ciências humanas, no seio do pós-segunda guerra mundial, da descolonização de países na África e Ásia, da explosão de movimentos por direitos civis (contra guerras, o feminismo, o movimento negro, etc.) e da queda do muro de Berlim, novas perspectivas de explicação das sociedades humanas começam a aparecer ligadas a novos agentes que apresentavam novas possibilidades de leituras. Para uma breve apresentação no âmbito da história antiga, ver GUARINELLO, 2013, p. 38-40; para uma discussão ampla no âmbito das ciências humanas, ver BONNELL, HUNT; BIERNACKI, 1999.

³² Trecho de entrevista com Juracy Silva, mestre do Ilê Ayê, Bahia (PINHO, 2004, p. 141).

³³ Trecho de entrevista com o filósofo Luís Sérgio Sampaio (KUPERMAN, 1992, p. 203).

³⁴ *I hope not* (HIGGINS, 2010, p. 2). Essa declaração é complementar à posição previamente apresentada: ela declara que sua publicação não é uma “carta de amor à Grécia antiga, a qual, se alguém projetasse os padrões do projeto moderno sobre ela, seria revelada como um terrível lugar, sem o que nós chamamos de direitos humanos, dependente de uma vasta população de escravos vistos como uma forma inferior de vida, e tornando as mulheres, com pouquíssimas exceções, completamente invisíveis” (*it is not a love letter to ancient Greece, which, if one were to back-project modern standards upon it, would be revealed as in many ways an appalling place, what we would call human rights, relying on a vast population of slaves as a lower form of life, and rendering women, with very few exceptions, completely invisible*) (HIGGINS, 2010).

³⁵ [...] *we are not in fact all Greeks* (CARTLEDGE, 1993, p. 182).

³⁶ “‘Somos todos gregos’, disse Shelley. Nascidos com a democracia. Com a invenção. A filosofia. O teatro. A história. As ciências. E a arte, que é parte da própria democracia. Da Grécia do século V, nasceu o homem moderno. Agora a arte da Era de Ouro da Grécia está aqui, para que a exploremos e a abracemos. A arte como evolução. Como humanidade. Como liberdade. Como tudo. E nós, com reverência, pensamos no milagre da democracia. Sim, somos todos gregos” (*‘We are all Greeks.’ the poet Shelley said. Born of democracy. Invention. Philosophy. Theatre. History. Sciences. And art, born from the democracy itself, makes us so. For out of fifth century Greece, modern man was given life. Now the art of the Golden Age of Greece is here, to explore, embrace and revel in. [...] Art as evolution. As mankind. As free. As all. For now, as in age of Perikles, politics flower. History writes itself anew. Man challenges his world. Art tells the story. And we, in awe, muse over the miracle of democracy. So yes, we*

are all Greeks). Texto da divulgação da exposição *The Greek miracle. Classical sculpture from the dawn of Democracy. the fifth century BC. National Gallery of Art, Washington*. Novembro a Fevereiro de 1993. *New York Magazine*, 19 de abril de 1992, p. 30-1. Para o catálogo da exposição, ver BUITRON-OLIVER; GAGE, 1992.

³⁷ *What is important about Athenian democracy may well be not its similarities to us but its otherness. We are not "all Greeks now." Nor are they us. The Athenian experience shows that it is possible to construct forms of social equality that are radically different from those which our contemporary political vocabulary encourages us to think about* (MORRIS, RAAFLAUB; CASTRIOTA, 1998, p. 9).

³⁸ A publicação de Shohat e Stam foi feita originalmente em inglês com o título *Unthinking Eurocentrism: Multiculturalism and the Media*, em 1994; ou seja, pouco depois da abertura da exposição acima indicada (ver nota 36).

³⁹ Ao comentarem o texto da divulgação da exposição, os autores dizem: “Além de ignorar a escravidão que era base da ‘democracia’ grega, o anúncio afirma que a história ‘começou’ na Grécia, o que é um engano, pois a história mundial não possui uma única origem, embora diversos antropólogos especulem que o primeiro ser humano tenha sido uma mulher africana” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 91). A partir disso, os autores desenvolvem uma argumentação sobre as interpretações da Grécia antiga e sua relação com a África.

⁴⁰ O discurso diz exatamente: “somos todos gregos, não por causa dos monumentos e memórias, mas por que o que começou aqui cerca de dois mil e quinhentos anos atrás, depois de todas as lutas sangrentas do século XX, foi abraçado pelo mundo todo” (*We are all Greeks, not because of monuments and memories, but because what began here two and a half thousand years ago has at last, after all the bloody struggles of the 20th century, been embraced all around the world*). Ver HALL, 2010, p. 11. Para o discurso, na íntegra, ver CLINTON, 1999, p. 2115-27.

⁴¹ Ver, por exemplo, desse autor, *The Founders and the Classics: Greece, Rome, and the American Enlightenment*, Harvard University Press, 1994; *Twelve Greeks and Romans Who Changed the World*, Rowman; Littlefield, 2003; *Greeks and Romans Bearing Gifts: How the Ancients Inspired the Founding Fathers*, Rowman & Littlefield, 2008 e *The Golden Age of the Classics in America: Greece, Rome, and the Antebellum United States*; Harvard University Press, 2009 e RICHARD, 2010.

⁴² Gilles Deleuze, por exemplo, em entrevista concedida ao *Le Nouvel Observateur*, em 23 de agosto de 1986, feita pelo entrevistador Didier Eribon, ao tratar da abordagem histórica em Foucault, diz: “É por isso que Foucault considera séries históricas curtas e recentes (entre os séculos XVII e XIX). E mesmo quando considera, em seus últimos livros, uma série de longa duração, desde os gregos e os cristãos, é para descobrir no que é que não somos gregos nem cristãos, e nos tornamos outra coisa. Em suma, a história é o que nos separa de nós mesmos, e o que devemos transpor e atravessar para nos pensarmos a nós mesmos” (DELEUZE, 1992, p. 119).

⁴³ Tradução livre por Gilberto da Silva Francisco, a partir do original em inglês, conforme a edição original (SHELLEY, 1822, p. vii-xi). Agradeço profundamente os comentários e sugestões de Gustavo Junqueira Duarte Oliveira e de Camila Aline Zanon.

Artigo recebido em 30/10/2013. Aprovado em 15/12/2013.